

60

S E R M A Õ,
QUE DEPOIS DA PROCISSAM DE
P R E C E S

POR AGOA, QUE FEZ A COMMUNIDADE
dos Religiosos de S. Paulo á Parochial Igreja de
Nossa Senhora da Incarnação no dia 16. de Abril
de 1750. levando as Imagens do seu Patriarcha,
e de Nossa Senhora da Piedade,

P R E G O U

O M. REVERENDO PADRE MESTRE DOUTOR
Fr. FRANCISCO DE S. LUIZ,

*Lente Jubilado em Theologia, Qualificador do Santo Offi-
cio, Examinador das Ordens Militares, e Synodal
do Bispado de Elvas, e Diffinidor actual
da Ordem de S. Paulo.*

DEDICADO
A O REVERENDISSIMO PADRE MESTRE
Fr. HENRIQUE
DE SANTO ANTONIO,

*Lente jubilado em Theologia, Qualificador do Santo Officio, Examinador
das Ordens Militares, e Synodal do Patriarchado, Consultor
da Bulla da Cruzada, Chronista, e Geral da Ordem
de N. P. S. Paulo &c.*

L I S B O A:
NA OFFICINA DE FRANCISCO DA SILVA:
Anno Domini MDCCL.

Com todas as licencas necessarias.

456



Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

DEDICATORIA.

NOSSE REVER^{mo}. PADRE GERAL.



*AM dedico a V. Reveren-
dissima este Sermaõ, que todo he seu, assim
no pulpito, como no prélo; porque a hũa,
* 2 e outra*

e outra parte o levou o preceito de V. Reverendissima, e he certo que a obra não he do mandatario, he de quem manda. Não pode o espaço das poucas horas, que tive para o prégar, produzir em mim repugnancia para subir ao Pulpito; porque estava certo que este era o Sermão, em que pela sua materia, e pelo seu fim se havia verificar aquella promessa de Christo em beneficio dos Prégadores: *Dabitur enim vobis in illa hora quid loquamini*; porém, como Christo não prometteo proteger as impressoens, padeci violencia no preceito de V. Reverendissima, que me mandou o escrevesse para se imprimir; mas vi com dezuzada maravilha unir-se na minha deliberação a suavidade com a violencia. Esta nasceo do conhecimento, que tenho, dos defeitos proprios, e aquella da execução do seu preceito. Entre os muitos dotes, com que a liberal mão de Deos enriqueceo a

V.

V. Reverendissima, se distingue tanto a sua benevolencia, e natural agrado, que ainda quando manda, suaviza, deixando indecizo no conhecimento do subdito, se o que obriga he preceito de Prelado, ou rogo de amigo. Desta violencia me livrara a Providencia Divina, se repar-tira commigo talento de tanto valor, como o que deo a V. Reverendissima, que no pouco tempo, que lhe deixaõ as suas mal empregadas molestias, e as utilissimas occupaçoens da Religiaõ, tem composto tres volumozos tomos da nossa Chronica, que vay continuando, taõ cheyos de erudiçaõ, e de noticias, que nelles se lê quasi toda a Historia Ecclesiastica com admiraçaõ dos Leytores. Mas se este Sermaõ he todo de V. Reverendissima, como padeço violencia na impressaõ? Imprima-se sem susto meu; porque o preceito de V. Reverendissima lhe dá o valor, e a estimaçaõ. Deos guarde a V. Reverendissima
como

*como nos he necessario. Lisboa Convento
do SS. Sacramento da Ordem de N. P. S.
Paulo aos 29. de Abril de 1750.*

Subdito obediente obsequentissimo.

Fr. Francisco de S. Luiz.

LICENÇAS.

Da Ordem.

Faculdade de Filosofia

Ciências e Letras

Biblioteca Central

*CENSURA DO M. R. P. M. Fr. FRANCISCO
de Santo Thomaz, Lente Jubilado em Theologia, e
Diffinidor actual da Ordem de S. Paulo primeiro Eremita.*

NOSSO R^{mo}. PADRE MESTRE GERAL:

Vossa Reverendissima me manda censurar o Sermaõ de Preces, que, por causa da secca, prégou o M. R. P. M. e Doutor Fr. Francisco de S. Luiz, e sendo os preceitos que V. Reverendissima impoem á minha preciosa obediencia não só delectaveis, mas uteis, este o foy de tal modo, que creyo diminuiria o merecimento daquella virtude, a grande utilidade, e gosto, com que li taõ erudito discurso. Sempre dezejei que a authoridade de V. Reverendissima obrigasse a este Heróe da nossa Religiaõ a publicar os seus escritos: porque a sua modestia nos tem privado da gloria, e honra, que nos podia resultar da sua vasta erudição em todo o genero de literatura. As obras deste Padre tem merecido a primeira estimação de todos os nossos Religiosos, e pode ser que o publico esteja privado desta utilidade por V. Reverendissima não querer dár exercicio á sua obediencia. O Sermaõ de Preces, que V. Reverendissima cõmette á minha Censura, além de não conter cousa alguma contra a fé, e bons costumes, faz-se digno da estampa pela materia de que trata, e pela utilidade, que resulta á republica literaria de possuir huma nova Arte da melhor, e mais

e mais pura erudição Ecclesiastica. Neste elegante discurso apparecem as figuras da Rhetorica precisamente ornadas. As palavras competem com a delicadeza dos pensamentos. A profundidade dos conceitos com a harmonia dos discursos, e a formalidade dos periodos he tão natural, que parece devem toda a sua formosura mais ás Leys da natureza, que aos preceitos da Arte. Isto he o que entendo, não só deste Sermao, mas de todos os mais papeis, que o M. R. P. M. e Doutor Fr. Francisco de S. Luiz me fez a honra de me mostrar. Convento do SS. Sacramento dos Religiosos do N. P. S. Paulo. Em 6. de Mayo de 1750.

Fr. Francisco de Santo Thomaz.

CENSURA DO M. R. P. M. Fr. JOZE
de Santa Rosa, Lente Jubilado em Theologia, e Ex-
Diffinidor da Ordem de S. Paulo primeiro Eremita.

NOSSO R^{mo}. PADRE MESTRE GERAL.

SE eu não entendera que o mandar-me V. Reverendissima ver, e examinar este Sermao, só era para satisfazer á cerimonia indispensavel da nossa Ley, que assim o determina, dissera a V. Reverendissima que esta diligencia era totalmente superflua, e escusada, especialmente sendo composto, e pregado pelo muito R. P. M. Fr. Francisco de S. Luiz, Doutor, e Lente Jubilado em a Sagrada Theologia, Qualificador do Santo Officio, Examinador Synodal do Bispado de Elvas, e Diffinidor da nossa Congregação, Orador tão ajustado com as Leys, assim divinas, como humanas, que em todas as suas ac-
goens

çoens publicas exercitadas, ou nas Aulas, ou nos Pul-
pitos, tem tantos approvadores, como são os seus ou-
vintes. Entre infinitos, a quem neste Sermaõ attrahio, e
edificou, não só com a natural eloquência do seu esty-
lo, mas tambem com o intento, e fervoroso ardor do
seu zelo, só V. Reverendissima, melhor que todos, pô-
de julgar se se deve dar á estampa hum Sermaõ, que,
ordenado em poucas horas, não só desempenhou plenif-
simamente todas as circumstancias do seu objecto, mas
até teve a approvaçãõ do mesmo Ceo, que logo aben-
çoou com o suspirado beneficio da chuva as bem chora-
das lagrimas dos ouvintes, e as vivas, inflammadas, e
eloquentes vozes do Prégador, de cujas excellentes pren-
das, e virtudes fizera eu hum largo elogio, se a sua
rara, e conhecida modestia não embarçara os movimen-
tos da minha penna: por isso só digo a V. Reverendissi-
ma que fará hum grande serviço a Deos mandando-se
imprima logo este excellente Sermaõ, que não contém
clausula alguma contra a Fé, ou bons costumes. V. Re-
verendissima ordenará o que for servido. Lisboa Con-
vento do SS. Sacramento 8. de Mayo de 1750.

Subdito mais humilde de V. Reverendissima

Fr. Jozé de Santa Rosa

Fr

FR. Henrique de Santo Antonio, Lente Jubilado em Theologia, Qualificador do Santo Officio, Examinador das Ordens Militares, e Synodal do Patriarchado, Consultor da Bulla da Santa Cruzada, Chronista, e Geral da Ordem do N. P. S. Paulo nestes Reynos de Portugal, e Algarves &c.

Pela presente concedemos licença para que se possa dar ao prélo o Sermaõ de Preces, que pregou na Freguezia de N. Senhora da Incarnação o M. R. P. M. Doutor Fr. Francisco de S. Luiz, Diffinidor actual da nossa Ordem; visto ter por commissão nossa examinado; e approvado por PP. graves, e doutos da mesma, os quaes nos seguraõ não ter ponto algum opposto aos dogmas da nossa Fé; e á pureza dos bons costumes, e em tudo o mais se observarão os Decretos do Sagrado Concilio Tridentino, *ac cæteris de iure servandis*. Dada neste nosso Convento do SS. Sacramento de Lisboa aos 10: de Mayo de 1750, sub meu final, e sello mayor do meu Officio. E eu Fr. Joaquim de Santo Antonio, Pro: Secretario da Ordem, que a escrevi.

M. Fr. Henrique de Santo Antonio Geral.

DO SANTO OFFICIO.

CENSURA DO M. R. P. M. Fr. FRANCISCO
de Santiago, Qualificador do Santo Officio &c.

EMINENT^{mo}. E REVER^{mo}. SENHOR:

O Bediente á ordem de V. Eminencia li o Sermaõ de Preces, que na Igreja de N. Senhora da Incarnação desta Corte prégou o M. R. P. M. Doutor Fr. Francisco de S. Luiz, Lente Jubilado em a Sagrada Theologia, Qualificador do Santo Officio, Examinador das tres Ordens Militares, Synodal do Bispado de Elvas, e Diffinidor actual da Ordem de S. Paulo primeiro Ermitaõ: no qual Sermaõ admiro em este singular Orador naõ menos que hum talento, e espirito de hum Samuel, de quem diz o sagrado Texto 1. Reg. 12. v. 18. *Clamavit Samuel ad Dominum, & dedit Dominus voces, & pluvias in illa die*, donde o Doutor Maximo sup. Amos cap. 4. *Pro signo magno diebus æstatis, orante Samuele, pluvie concitæ sunt*. No mesmo ponto, que o seu Patriarcha S. Paulo, qual outro Patriarcha Jacob na presença da melhor Rachel Maria Santissima: *Quam cum vidisset . . . amovit lapidem, quo puteus claudebatur*. Gen. 29. v. 10. Legitimo parto da fecunda erudição deste insigne Orador me parece este seu Sermaõ: de tal sorte que, ainda que naõ fosse visto, nem ouvido seu Author, este só Sermaõ preconizara seu elevado discurso, e superior talento: *Nemo quod audierit tacebit, nemo quantum audierit loquetur; qui rem non tacuerit, non tacebit Auctorem*, disse em similhante o sentenciozo Seneca lib. 18. Epist. 105. Naõ tem este Sermaõ couza alguma con-

tra a nossa Santã fê , e bons costumes. He muito digno de se imprimir. Este o meu parecer. V. Eminencia mandará o que for servido. Lisboa no Hospicio do Duque 12. de Junho de 1750.

Fr. Francisco de Santiago.

Vista a informaçã , póde imprimir se o Sermaõ , de que se trata , e depois voltará conferido para se dar licença que corra , sem a qual não correrá. Lisboa 12. de Junho de 1750.

Fr. R. Alencastre. Silva. Abreu. Almeida. Trigozo.

DO ORDINARIO.

CENSURA DO M. R. P. M. SIMAM DE
Almeida da Companhia de Jesus &c.

EXCELLENT^{mo.} e REVER^{mo.} SENHOR:

ESte Sermaõ , que V. Excellencia foy servido mandar-me ver , he huma eloquente deprecação a Deos Nosso Senhor , e huma poderosa exhortação aos homens, que fez o muito R. P. M. Fr. Francisco de S. Luiz da Sagrada , e Sapientissima Familia de S, Paulo o primeiro Eremita , no dia 16. de Abril do presente anno , na Parochial Igreja de N. Senhora da Incarnação desta Corte ; para o fim de alcançar de Deos a chuva , de que a terra necessitava ; e ensinar aos homens o verdadeiro modo de a pedirem ao Ceo. Huma , e outra couza fez este famoso Orador, lembrando-se dos mayores motivos para Deos
a con:

a conceder ; e dos mais efficazes rogos para os homens a alcancarem. Para isto escolheu o Thema mais proprio ao lugar , e occasião , deduzindo d'elle com a delicadeza do seu engenho o assumpto mais natural , que discorreo com prompta felicidade , inimitavel clareza , e distribuição maravilhoza ; não faltando a circumstancia alguma de todo aquelle sagrado acto , que principiando nos desejos do bem commum , continuou em huma devota procissão de Preces , que gravissimamente formou a Religiosissima Communidade , de que este Orador he grande parte ; e se coroou com este seu precioso Sermaõ. Nelle ponderou elegantissimamente que os castigos de Deos , que tem origem nas culpas , só tem remedio nas lagrimas. Persuadio esta verdade com tanto zelo da honra de Deos , e do proveito espiritual do proximo , que bem pareceo filho de hum Paulo , e imitador de outro ; ajuntando em si o Eremita com o Doutor , bem merece ser chamado por antonomazia o Doutor Eremita. Tanto ardeo neste sagrado fogo este zeloso Prégador , que o accendeo nos ouvintes , praticando o que aconselhou o outro : *Ardeat Orator , qui vult incendere*. O mesmo fogo , com que o Prégador fallava , e que callava nos ouvintes , subio logo ao Ceo , e derreteo as nuvens , que se desfizeraõ em copiosa agoa sobre a terra , verificando-se o que disse o Poeta : *Unda dabit flammam , & dabit ignis aquas*. Porque se da agoa pedida a Deos neste Sermaõ nasceo todo aquelle fogo , em que este Orador Evangelico se accendeo ; d'este fogo veyo a luz a agoa , que logo cahio na terra com admiracão , e gosto de todos , que a derejavaõ.

Huma cousa noto , não neste Sermaõ , que , sendo todo notavel , não pode ser censurado ; mas na Dedicatória , que d'elle faz o Orador ao seu Reverendissimo
Geral;

Geral; pois se queixa de que o obrigue a dá-lo ao prélo para sempre, quando para o compor lhe deo poucas horas. O seu Prelado Reverendissimo, como sabio, e nesta materia grande Mestre, julgou o que entendeu: entendeu que não lhe era necessario mais tempo para pregar, que o que he necessario para dizer: diz muito quando prega, e pôde pregar tudo quanto diz. Bem pudera entendê-lo tambem assim o mesmo Orador; não pelo que a sua humildade lhe deixa conhecer em si, mas pelo que sabe que delle conhecem os outros. Devia lembrar-se dos merecidos applausos, que sempre ouvio nos seus actos literarios até o jubilarem Mestre: dos innumeraveis louvores, que recebeo de todos quantos assistirão ao relevante merecimento, com que se dispoz para tomar o gráo de Doutor na Sagrada Theologia, de que eu fuy testemunha na Universidade de Evora: da gostosa acceitação, que se fez da sua pessoa no Tribunal da Inquisição para seu Qualificador: da particular estimação, que teve na Mesa da Consciencia a sua literatura, quando o nomearaõ Examinador das tres Ordens Militares: da estimavel eleyção, com que foy eleyto Examinador Synodal do Bispado de Elvas; e finalmente devia lembrar-se da importancia da sua rara capacidade, excellente prudencia, exemplar virtude, que nelle conheceraõ os seus Religiosissimos Padres, quando o votaraõ para exercer o cargo de Diffinidor actual de toda a Ordem. Este conceito de todos bem o podia dezenganar a elle, e entender que nenhuma violencia lhe faz, quem não pôde dissimular que falte ao credito da Religião o que tão dignamente lho augmenta.

Esta nota porém não impede dar V. Excellência licença; para que se dê ao prélo este Sermaõ; antes á erudição, e sciencias, que nelle resplandecem, se verá junta a exemplar

plar virtude do Author, que sempre he m̃ayor lustre da obra. V. Excellencia mandará o que for servido. Lisboa S. Roque Casa Professa da Companhia de JESUS 24. de Junho de 1750.

Simaõ de Almeida.

Vista a informaçãõ, pode se imprimir o Sermaõ, de que se trata, e depois torne para se dar licença para correr. Lisboa 25. de Junho de 1750.

D. J. A. de Lacedemonia.

DO PAC, O.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

*CENSURA DO M.R.P.M. PEDRO CORREA,
da Congregação do Oratorio, Consultor da Bulla da
Santa Cruzada, &c.*

S E N H O R:

POr mandado de V. Magestade vi o Sermaõ, que na occasião de Preces, por falta de agoa, prégo u o P. M. Dr. Fr: Francisco de S. Luiz da sempre Observante, e Preclarissima Familia de S. Paulo primeiro Ermitaõ, onde sempre floreceraõ eminentes sujeitos na arte concionatoria, naõ sem admiracão dos ouvintes mais doutos, e mais intelligentes: e sendo isto assim, naõ me admira apparecesse agora este Sermaõ tam bem feito, e taõ ajustado ás regras da mais prefeita Rhetorica. A materia he a mais feria, e a mais piedoza, pois he pedir a Deos applaque a sua ira, e que abra os thesouros da sua misericordia mandando a agoa preciza para que as terras produzaõ os fructos

Etos de que dependem as vidas dos mortaes; e este Orador tudo persuade, e pondera com as razoes mais convenientes, com as ponderacoes mais devotas, com os argumentos mais efficazes, com as escrituras mais genuinas, e terminantes authoridades, que não haverá quem se não mova a pedir a Deos este beneficio, promettendo primeiro detestar as culpas que o impedem. O successo correspondeo ao intento, pois logo nessa tarde veyo agoa do Ceo em abundancia. O mesmo foy cair á maneira de orvalho a divina palavra pela boca deste Prégador, que corresponderem as nuves com a chuva, que até alli tinhaõ detida por ordem do Author da natureza. Viõ este Orador o bom fructo do seu Sermaõ em premio do trabalho, que nelle, e com elle teve: e para que sirva este successo de exemplo aos Fieis, e o Sermaõ de exemplar aos Prégadores, me parece he digno da estampa, por não ter cousa que se opponha ao bem commum; nem Decretos de V. Magestade, que mandará o que for servido. Lisboa, e Congregaçaõ do Oratorio 6. de Julho de 1750.

Pedro Correa.

Que se possa imprimir, vistas as licenças do santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará a esta Mesa para se conferir, taxar, e dar licença para correr, sem a qual não correrá. Lisboa 8. de Julho de 1750.

M. Prezidente. Attavde. Vaz de Carvalho. Almeida.

Rorate



*Rorate coeli desuper , & nubes pluant
Justum : aperiatur terra , & germinet
Salvatorem.*

Isaia cap. 45.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central



EOS , vós , que já penêtrados
pelos suspiros do mundo vos
destillastes em orvalhos ; nu-
vens , vós , que já rotas pelos
clamores dos homens despe-
distes copiosa chuva ; terra ,
vós , que já attenta ás preces
dos justos brotastes o mais saudavel fructo ; di-
zei-me , quaes seraõ agora os instrumentos para
a repetiçaõ dos mesmos beneficios , senaõ aquel-
les , que entaõ tiveraõ a efficacia ? Perderaõ os
homens com a primeira culpa o Paraizo , e a sua
amenidade : e sendo hu na perda taõ grande po-
derozo motivo para impedir as ultteriores offensas
de Deos , e chorar a primeira ; dezattentos os ho-
mens ao rigor da pena , provecaraõ com multi-
plicitade

Jerem. cap.
14. v. 4.

plicidade de peccados a ira de Deos. Mnytos foraõ os castigos, com que Deos vingou as suas ofensas; mas todos reduzio a hum só o Prophe:ta Jeremias, que foy a falta de agoa, a suspen:saõ da chuva: *Propter terræ vastitatem, quia non venit pluvia in terram.* Este foy o flagello, com que Deos entaõ castigou o mundo, e nelle se contêm os mayores damnos, que póde padecer a natureza humana. Da suspen:saõ da chuva origina-le a corrupçaõ do ar, que causa as doencas, as epidemias, e os contagios. Da falta de agoa nasce a leccura da terra, e a esterilidade, e destas a penuria, a miseria, e a carencia do necessario para a sustentação da vida humana. Como estes eraõ os damnos, suspiravaõ os Justos pelo mais proprio remedio, e dezaffogavaõ o sentimento nas Preces, com que pertendiaõ abrandar a dureza dos Ceos, para que delles descesse em copioza chuva a misericordia do Altissimo, e ordenaraõ os leus rogos com estes suspiros: *Rorate cæli desuper, & nubes pluant Justum: aperiatur terra, & germinet Salvatorem.* Ceos, clamava por todos Isaias, desfazei-vos em orvalhos; nuvens, despedi como chuva esse suspirado Justo: abra-se a terra, e de-nos por fructo o Salvador.

He commũa intelligencia dos Sagrados Interpretes, com a Igreja Catholica, que aquelles suspiros do Propheta se dirigiaõ á Incarnação do Verbo Eterno; mas são dignos de attenção os termos. com que o Propheta suspira pelo Justo; porque

porque pede que desça ao mundo como chuva, e como orvalho : *Rorate cæli desuper , & nubes pluant Iustum* : pois estes são os termos mais próprios , e expressivos da sua ancia ? Sim , porque pertendia o remedio á mayor dor , e a suspensão ao mais rigoroso castigo : e como este consistia na falta da chuva , e nos seus perniciosos efeitos : *Quia non venit pluvia in terram* ; por isso pedia que o Verbo Eterno descesse como orvalho , e como chuva , para suspensão do castigo , e remedio da seccura , e da esterilidade : *Rorate cæli desuper , & nubes pluant Iustum*.

Ouvio Deos os gemidos , e os clamores , e ainda que depois de seculos deo ao mundo o suspirado remedio , e a desejada chuva na Incarnação do Divino Verbo , e deveo o mundo a Maria Santissima em tão alto mysterio no fructo da vida o remedio da esterilidade : *Aperiat* Hug. hic *terra , & germinet Salvatorem : id est , B. Virgo per consensum cordis , non per fractionem corporis*, expõem o Cardeal Hugo neste lugar. Recebeo a purissima Virgem na Incarnação o celeste orvalho , que destillaraõ os Ceos , a copioza chuva , que despediraõ as nuvens para cumprimento da Prophecia , com que predice David que o Verbo havia descer como chuva ao purissimo Ventre da Senhora : *Descendet sicut pluvia* ; e assim Psalm. 74 diz a Igreja se cumprio a Prophecia : *Sicut plu-* 6. *via in vellus descendisti*. E para que ? Para Ma- Eccl.in Offic. B. Virg. de Advent. ria Santissima dár ao mundo em hum faudavel

A ii

fructo

fructo assim o remedio para a fome, como para as doenças, que cauzavaõ a seccura, e a esterilade: *Aperiatu terra, & germinet Salvatorem: idest, B. Virgo per consensum cordis.*

Este mesmo castigo, com que a Justiça de Deos se vingou entaõ das culpas do mundo, he o com que agora ameaça a Portugal. Ha muito tempo que a nossa terra não recebe do Ceo o beneficio da chuva: *Quia non venit pluvia in terram.* Está secca a terra, e já começamos a sentir os perniciosos effeitos da seccura. Principia a esterilidade, e se não digaõ-o as praças, aonde já sobem de preço os alimentos. Já a impureza dos ares tem produzido muitas, e extraordinarias doenças. Assim o testificaõ com linguas de bronze os sinos desta nobilissima Parochia, que todos os dias, e muitas vezes fóra de horas, estaõ chamando os Irmaõs do Santissimo Sacramento, para o acompanharem como Viatico aos muitos enfermos, a que já tem chegado esta epidemã. Muitas vezes temos pedido ao Ceo o remedio, porque o vigilantissimo Pastor, a quem Deos tem cõmettido o numerozo rebanho deste Patriarchado, tem feito com ordens, e com o exemplo repetir publicas Preces; mas até agora infructiferas, porque ainda vemos os Ceos inexoraveis ás nossas supplicas. Agora porêm que, como os Prophetas antigos, dirigimos as nossas Preces á Senhora da Incarnação, poderemos esperar o remedio, se tirarmos o impedimento,

de Preces.

5

pedimento, que o dilatou naquelles primitivos seculos.

Por muitos seculos se dilatou o suspirado remedio da chuva, que pediaõ os Justos aos Ceos, e ás nuvens: *Rorate cæli desuper, & nubes pluant Justum.* E qual seria a causa de tão lamentavel dilaçaõ? O mesmo Propheta a declara no contexto em huma lamentaçãõ, que ajunta aos seus suspiros: *Væ qui contradicit factori suo;* lamentava Isaias. Ay, que sentindo os homens, dizia o Propheta, o rigor do castigo, ainda se atrevem, como rebeldes ás Leys do seu Creador, a fazer-lhe huma injurioza contradicãõ: *In* Isaiæ cap. 45. v. 9. *rebeldes invehitur,* commenta Hugo. Esta he tambem a causa, porque agora se dilata o remedio da chuva, que pedimos. Em Maria Santissima está prompto este remedio, porque para isso desceu o Divino Verbo na Incarnaçaõ, como chuva, ao purissimo Ventre da Senhora: *Sicut pluvia in vellus descendisti;* mas terá a dilaçaõ porporcionada á continuaçaõ das nossas culpas, que são a causa do castigo, que padecemos. Este será o importante assumpto do Sermaõ; porque esta foy tambem a causa, que lamentou Isaias como impeditiva do beneficio da chuva, pela qual suspirava naquelles seculos: *Rorate cæli desuper, & nubes pluant Justum: operiatur terra, & germinet Salvatorem. Væ qui contradicit factori suo. In rebeldes invehitur.* Hug. hic.

Que sentes Portugal, que choras, que lamentas!

P. Marian.
Hist. Hisp.
liv. I. c. 13.

mentas? Os terriveis effeitos de humã seccura, com que a Divina Justiça se vinga de tuas culpas? Não he esta a primeira vez, que experimentas este flagello, sem que a repetição dos golpes pudesse acautelar-te para a reincidencia na causa da tua perdição. Já antes da vinda de Christo, quando as Hespanhas estavaõ no dominio de Habides, que as governava como Rey, padeceo Portugal os damnos de huma terrivel seccura continuada pelo dilatado tempo de vinte e sette annos, nos quaes não recebeo a nossa terra humagotta de agoa do Ceo. E quaes seriaõ os horro-
rozos effeitos deste castigo? Seccaraõ-se os rios, e ainda aquelles, que pela abundancia de agoas faziaõ competencia ao mar: abriu se a terra em tantas boccas, que por ellas tragou a mayor parte dos Portuguezes, e com elles os successores de seus illustres, e antigos Monarchas, e ló escaparaõ destas sepulturas aquelles, que com dezamparo da patria fugiraõ para Reynos estranhos, evitando assim a pena da morte com o damno de hum trabalho de desterro. Choravaõ se lagrimas a rios: porêm como estas nasciaõ mais do sentimento da pena, que da dor das culpas; o fogo da ira de Deos as consumia: e quanto com ellas se apurava a seccura dos coraçõens Portuguezes, tanto crescia a da terra. Finalmente por todo aquelle dilatado tempo foy Portugal *Terra deserta, invia, & inaquosa*, até que a misericordia do Altissimo, attemperando os ardores

res da ira, fez delcer do Ceo tanta agoa, quando era conveniente para que a terra produzisse fructos necessarios á sustentação da vida humana, e o ar se purificasse de modo, que pudesse servir para a respiração em beneficio da vida.

Já depois da Incarnação do Filho de Deos ferio tambem a Portugal aquelle flagello, com que a Justiça de Deos castigava a Europa toda; chegando a fome a tal excessão, que, como se esta mimosa parte do mundo fosse habitação de barbaros, se querião os homens tragar huns aos outros. Em Roma se ouviu então aquella espantosa voz, que dizia, com horror da natureza; que já que faltavaõ os alimentos para os homens, morressem huns para que não perecessem todos; e assim se puzesse o preço á carne humana: *Pone pretium humane carni.*

Repetio Deos em Portugal os mesmos castigos; como consta das nossas historias, principalmente nos Reynados de D. Duarte, D. João I. D. Henrique, Filippe II., e até no Reynado do Piissimo, e Felicissimo Monarcha Reynante experimentámos o mesmo flagello, quando no anno de 1734. vimos que inteiras familias, deixadas as suas casas, vagueavaõ por todo o Reyno, buscando na beneficencia dos charitativos os alimentos, que a carestia do tempo lhes difficul-
ta: e não foraõ mayores os damnos, que a fome costuma causar assim nos corpos, como nos espiritos; porque os acautelou a piedade do
nosso

nosso Vigilantissimo Monarcha , que mandou repartir grossas sommas em copiozas esmólas.

Agora , meus amados Portuguezes , agora principiamos a sentir os golpes do mesmo flagello. Endureceo-se o Ceo , e se tem feito inexoravel aos nossos rogos. Ha muito tempo que não chove , multiplicaõ-se as doenças , e já os preços dos alimentos vão chegando a carestia. Geme-mos , e choramos o nosso damno , e pedimos a Deos o auxilio ; mas frustraõ-se as nossas diligencias. E donde nasce esta desgraça ? *Væ qui contradicit faëtori suo. In rebeldes invehitur.* Nasce de que com atrevida ouzadia transgredimos , como rebeldes , as Leys do nosso Creador ; e em quanto não evitamos as causas das penas , continuaõ-se os danos , e frustraõ-se todas as outras diligencias. Repete-se na nossa terra o mesmo caso , que viraõ com espanto os Navegantes no mar.

Mandou Deos ao Propheta Jonas que fosse prégar penitencia aos Ninivitas , com comminaçaõ de se subverter a sua Cidade no termo de quarenta dias , se a miseria , com que cahiraõ nas culpas , continuasse em contumacia ; e devendo o Propheta por satisfação ao preceito de Deos dirigir o caminho para Ninive , embarcou-se de Joppe para Tharso. Contradice , e desobedeceo o preceito de Deos , que justamente irado dezagou a sua ira com hum impetuoso vento , o qual , levantando as ondas do mar com extraordinario
movi-

movimento ; indicava ao Navio a submersão , e o naufragio aos navegantes. Temeraõ estes a tormenta , e julgando que a embarcação corria perigo no pezo , lançaraõ ao mar até as mais preciosas fazendas : *Timuerunt nautæ , & miserunt vasa , quæ erant in navi , in mare.* Perderaõ-se as mercadorias , frustraraõ-se as diligencias , porque continuando a tormenta lhes mostrava aos olhos a morte no perigo , e nas ondas a sepultura. Pois com tantas diligencias dos navegantes ainda continua o susto com a tormenta ? Sim , diz S. Jeronymo ; porque aquelles homens não conheciaõ a causa da sua perdição. Julgavaõ que esta nascia do pezo das fazendas , que levavaõ : mas quem fazia todo o pezo era a desobediencia do Prophe-
ta rebelde , e fugitivo : *Non intelligunt totum mundus esse peccata Prophetæ fugitivi* , por isso em quanto conservaõ no navio ao peccador desobedi-
diente continua sempre a mesma tempestade , o mesmo castigo , por mais diligencias , que façaõ em lançar ao mar até os vasos preciosos : *Miserunt vasa , quæ erant in navi , in mare* , e chegariaõ ao ultimo perigo se não se persuadissem que a verdadeira causa do seu damno eraõ os peccados de Jonas. Assim finalmente o conhecerãõ : lançaraõ fora o peccador , o rebelde ás Leys de deos , e cessou logo a tormenta , e com ella o castigo.

Jon. cap. I.
v. 4.

S. Hieron.
Cõment. in
Jon. tom.
12. 101.

Este he , Catholicos , o exemplo : e que podemos deduzir delle , e do que nos succede ;

B

se.

semaõ que ainda está sobre nós o flagello da Divina Justiça, porque não acabamos de conhecer que a causa de nossos danos são os peccados, as rebeldias de muitos Jonas, que desobedientes ás Leys do seu Creador, andaõ entre nós com tanto socego, como se viveraõ no estado da innocencia: *Non intelligunt totum pondus esse peccata Prophetæ fugitivi?* Os effeitos são sinaes das suas causas: e se ainda depois de tantas Preces sentimos o castigo da seccura, he porque ainda continua a causa, que o move, que são as nossas desobediencias ás Leys de Deos, as nossas rebeldias. E se pretendemos saber quanto tempo ha de durar a falta de agoa, que nos afflige, leamos os pronosticos, que Deos nos dá nas suas Escrituras.

No cap. 26. do Levitico nos diz Deos assim: *Si in præceptis meis ambulaveritis dabo vobis pluvias temporibus suis.* Se guardares os meus preceitos hey de vos dar as chuvas nos seus tempos. Os que tem corrido até agora eraõ aquelles, em que podiamos esperar a chuva. Assim o promettiaõ os nossos pronosticos, que em quasi todos os quartos nunciavaõ agoa; mas esta não chegou até agora. E qual pôde ser a causa desta suspensão, senaõ a desordem com que os homens não verificaõ aquella condiçaõ, na qual Deos lhes promette as chuvas nos seus tempos, que a observancia dos seus preceitos: *Si in præceptis meis ambulaveritis, dabo vobis pluvias temporibus suis?*

fuis ? E daqui se segue a verificação do outro pronóstico, que Deos nos fez por Isaias, que invertendo a ordem dos tempos faz por força do seu imperio que as nuvens nos não dem a agoa, que nos promettiaõ os tempos: *Et nubibus mandabo, ne pluant super eam.*

Isaia cap.
5. v. 64

Demodo que Deos também nos faz os seus pronósticos para conhecimento dos tempos, assim como os fazem os homens; mas com a differença, que os homens, para pronosticar, olhaõ da terra para o Ceo, e Deos olha do Ceo para a terra. Os homens, levantando os olhos da terra para o Ceo, contemplaõ os movimentos dos astros, as suas conjunções, e opposições, e com esta observação regulados pelos principios Mathematicos fizeraõ os seus pronósticos, em que ajuizando que as nuvens se haviaõ ajuntar nos ares, nos prometteraõ copiosa chuva. Mas Deos olha do Ceo para a terra, e observa os desordenados movimentos, as injustas conjunções, e as perniciozas opposições dos homens, que vaidozos se julgaõ taõ altos, como as estrellas. Vê as perniciosas opposições, que incitaõ os odios em ruina das honras, das vidas, e das fazendas; as injustas conjunções nos Tribunaes, aonde as inclinações, e os interesses pervertem a justiça nas sentenças, os desordenados movimentos nas praças, e nos Templos, aonde he escandalo o que devia ser edificação; e destas observações regulado pelos dictames da sua Justiça nos pro-

B ii

nóstica

P. Veg. in
Iud tom. I.
cap. 2. n.
454.

nostica a infelicidade dos annos: *Ex hac Syderum conjunctione infelices anni annuntiari possunt; lamenta, & strages protendantur*, escreveo o P. Vega. De modo que se oppoem os pronosticos de Deos, e dos homens nos successos, que nos pronosticaõ. Os pronosticos dos homens nos promettem agoa, attentos os movimentos dos astros; os pronosticos de Deos nos annunciaõ a seccura, observados os descaminhos dos homens: por que manda ás nuvens, por satisfação da sua justiça, que não chovaõ: *Et nubibus mandabo ne pluant.*

E qual se ha de verificar? o reportorio de Deos, ou o dos homens? A Fé nos persuade que a verdade de Deos he infallivel, e a nossa desgraça o testifica agora com a experiencia. E se não, façamos reflexaõ no que nos succedeo na semana proxima passada. Em dous dias da semana passada vimos cobrir-se o Ceo de nuvens: Olhavamos todos para o Ceo, e para os nossos pronosticos. Estes nos diziaõ que era tempo de chuva, e alentados com este annuncio olhavamos para o Ceo; mas quando esperavamos o suspirado remedio das agoas, advertimos que Deos mandou ás nuvens que não chovessem: *Et nubibus mandabo ne pluant*, e para execuçaõ daquelle terrivel decreto de Deos, ve hum fortissimo vento Norte, que não só elhou as nuvens, e nos levou com ellas a agoa; mas augmentou muito mais a seccura da terra; e a

é a causa de nossa magoa. Este he o severo castigo, com que Deos se vinga de nossas culpas, o mais sensível para quem conhece o rigor deste flagello.

Hum castigo dizia Job, hum castigo temo da mão de Deos, que me enche de pavor o coração, o qual assustado palpita com movimento tão extraordinario, que se aparta do seu lugar: *Super hoc expavit cor meum, & amotum est de loco suo.* Grande será o pavor, e o susto de Job; mas ainda he mayor a minha admiração. Meu Santo, não sois vós aquelle constante Varaõ, que na paciencia das mais rigorosas penas tendes dado ao mundo todo evidentes demonstraçoens do vosso valor, e da vossa constancia? Vós soffrestes os horrores da vista de hum demonio, que vos atormentava, os ardores do fogo, que vos consumia, e a tudo o que era vosso, e com tanta actividade, que vos abrazava a alma a pedacos, quando vos consumia vossos filhos: *Cecidit ignis de Cælo, & tactas oves, puerosque consumpsit;* finalmente não pode o odio de Satanaz inventar tormento, com que não provasse a vossa paciencia: *Egressus igitur Satan percussit Job vulnere pessimo;* e foy ella tanta, que reprehendesles com severidade quem vos estranhava o valor, e constancia: pois que pena he essa, que temeis, e assim vos enche de pavor o coração: *Super hoc expavit cor meum, & amotum est de loco suo?* O mesmo Job a declara no texto: *Subito circum-*
getur

Job. cap.
37. v. 1.

Cap. ii. v.
16.

Cap. 2. v. 7.

Cap. 37. v.
21.

getur in nubes ; & ventus transiens fugabit eas.

O ar , dizia Job , de repente se cobrirá de nuvens , e virá hum furiozo vento , que as espalhe , e ponha em fugida. Demodo que a região , em que vivia Job , padecia huma grande seccura , causada assim pelo fogo , que desceo do Ceo , como pela furia de ventos taõ impetuosos , que até lhe assolaraõ as casas. Esperava aquelle afflicto homem o alivio aos ardores , e o remedio á seccura na chuva : Olhava para o Ceo , e alentava a sua esperança vendo que as nuvens se ajuntavaõ no ar : *Subito aer cogetur in nubes ;* mas quando esperava a suspirada agoa , vio que hum furiozo vento affugentou as nuvens , e com ellas a chuva , que esperava : *Et ventus transiens fugabit eas ;* e foy este hum supplicio taõ rigoroso , pena taõ grave na consideração de Job , que lhe encheo de pavor aquelle coração , que nunca se desanimara na paciencia de tantos , e taõ crueis tormentos : *Super hoc expavit cor meum , & amotum est de loco suo.*

Ay ! E não sey como nos cabem os corações nos peitos , vendo sobre nós aquelle mesmo flagello da Justiça de Deos , que tanto abalou , e enchêo de pavor hum taõ alentado coração como o de Job ! Que mais o assustava a elle , que não vejamos tambem dirigir-se contra nós ? Aos olhos nos mostrou Deos o beneficio da chuva nas nuvens , que cobriraõ o Ceo : *Subito aer cogetur in nubes ;* mas veyo o vento da ira de

de Deos, e para mayor confusão nossa, levou-nos a chuva com as nuvens: *Et ventus transiens fugabit eas.* Esperavamos o remedio na chuva; mas veyo o vento, que não só nos levou o remedio, mas nos causou mayor damno, mayor seccura. O certo he que a nossa tolerancia já parece obstinacão; pois não se abalaõ os nossos coraçõens, tendo para nós mais rigoroso o castigo, que aquelle, que dezanimara o paciente Job. Mais rigoroso? Sim, e para persuasão desta verdade advirtamos ao que nos succedeo hontem.

No dia antecedente ao de hoje vimos novamente cobrir-se o Ceo de nuvens. Assustaraõ-se muitos, porque julgaraõ se repetiria a mesma desconfolação da semana passada, e que as nuvens, que appareciaõ, como prenuncio da chuva, e do beneficio degenerariaõ em vento, e em damno; mas na tarde se converteo o susto em alegria, porque por algum espaço de tempo nos deraõ as nuvens alguma agoa. Já os homens davaõ os parabens huns aos outros, julgardo convertido em beneficio da misericordia o fagello da Divina Justiça. Assim se enganaõ os homens com o castigo, como com a sua causa. A agoa, que hontem nos deo o Ceo, he ainda pouca, que não passou da superficie da terra.

Para remedio da esterilidade he necessaria tanta agoa, que penetre as entranhas da terra, para que ella a communique como alimento ás arvores,

res; e ás plantas. Se continuar com abundancia ferá beneficio da milericordia Divina; mas em quanto he taõ pouca, que naõ passa da superficie da terra, em quanto naõ lerve para alimento das arvores, e das plantas, a podemos considerar como flagello da ira, e do furor de Deos.

Assim o lemos em semelhante caso no Psalmo 77. Nauseados com o uso do maná dezejarão os Israelitas carnes, quando passaraõ pelo dezerto. Representou Moysés a Deos os desejos do povo, e com successo taõ prompto, que diz o texto sagrado que choveraõ as carnes como pó, e as aves do Ceo, como a area do mar: *Et pluit super eos sicut pulverem carnes, & sicut arenam maris volatilia pennata.* Guizaraõ os Israelitas as carnes, e as aves: puzeraõ-se á mesa, e quando metterãõ nas bocas os primeiros bocados: diz David que subira sobre elles a ira de Deos.

Adhuc escae eorum erant in ore ipsorum, & ascendit ira Dei super eos: Quem tal imaginara! Quem naõ havia julgar que as aves, e as carnes, que desciaõ do Ceo correspondentes á peticaõ do povo, e á representacaõ de Moysés, eraõ hum prompto beneficio, com que Deos lhes acudia: pois como diz David que o uso das mesmas carnes era o flagello da ira de Deos, que veyo sobre os Israelitas: *Adhuc escae eorum erant in ore ipsorum, & ascendit ira Dei super eos?* Sim, porque entrando lhes nas bocas, lhes naõ passaraõ das gargantas: *Adhuc escae eorum erant in ore ipsorum.*

ipforum. O alimento só he util beneficio, se passando da boca ao estomago, nelle se altera, e serve para a nutrição. Pareceria beneficio grande aos Israelitas dar-lhes Deos com tanta promptidão aquelle suspirado alimento, porém como este lhes não passou das gargantas, nem lhes servio para o desejado fim da nutrição: *Adhuc esca eorum erant in ore ipforum*, tão longe esteve de fer beneficio, que foy effeito da ira, e do furor de Deos: *Et ascendit ira Dei super eos.*

E não he isto o mesmo que nos succede com as agoas, que com as carnes aos Israelitas? A estes, ainda que com inutilidade, entraraõ-lhes as aves guizadas nas bocas; mas, se o que vemos he o flagello da ira de Deos, poderemos chegar a tal penuria, que não tenhamos de que nos alimentar, senão barbaramente de nossas proprias carnes, como já disse que succedera aos Romanos. Succederá assim, se a agoa não passar da superficie da terra; porque morrerão os gados, seccar-se-hão as plantas, e as arvores. Pois seria aquella pouca chuva beneficio de Deos, ou castigo? Facil será a resolução, se examinarmos se há em nós a mesma causa, que provocou a ira de Deos para os Israelitas. E qual foy esta causa. O mesmo David a declara no contexto:

*Non custodierunt testamentum Dei: Et in lege
non noluerunt ambulare:* Veyo a ira de Deos sobre os Israelitas, porque não guardaraõ o Testamento de Deos, e se delencaminharaõ da sua

Ibid. v. 10.

C

Ley.

Ley. Para direcção dos nossos passos nos deo Deos a sua Ley, e para procedermos com segurança no caminho da Ley de Deos nos deixou JESUS Christo em seu Testamento os Sacramentos: *Novi, & eterni testamenti*; mas, oh desgraça, que não sey se os homens com sacrilego atrevimento abuzaõ dos Sacramentos de Christo, e com a desordem de seus errados passos desprezaõ a Ley de Deos, e a sua ira! Se assim he, o que nos parece beneficio, será flagello da ira de Deos, que vem sobre nós, como sobre os Israelitas: *Et ascendit ira Dei super eos.*

Plal. 102,
v. 19.

Mas para elucidação desta doutrina devo reflectir naquelle termo, com que o Propheta explica o desaffogo da ira de Deos; porque diz que esta subira sobre os Israelitas: *Et ascendit ira Dei super eos.* Eu dissera que se explicaria com mais propriedade, se dissesse que a ira de Deos descera; porque esta he acto Divino, que está identificado com o mesmo Deos, que tem seu proprio lugar no Ceo: *Dominus in Cælo paravit sedem suam*: pois como diz David que a ira de Deos subira sobre os Israelitas: *Et ascendit ira Dei super eos*? Sim; porque os Israelitas em seus descaminhos desprezavaõ a Deos, e a sua Ley; e sem attenção á sua ira, a mettiaõ debaixo dos pés pelo desprezo: *Et in lege ejus noluerunt ambulare*: mas, oh! que a ira de Deos he fogo *Ignis consumens est.* O fogo, como tem alta a sua esfera, padece violencia na suspensão: o que está

está violento não dura muito , por isso rebenta a mina debaixo dos pés dos peccadores , sobe o fogo da ira de Deos , e consome tudo , e a todos : *Ignis consumens est : Et ascendit ira Dei super eos.*

E será a nossa desgraça tanta , que se levante sobre nós a ira de Deos , como sobre os Israelitas ? Se attendermos á semelhança dos successos , assim nos devemos persuadir. E se não , advertimos ao que nos succedeo de hontem até á presente tarde. Continuaraõ-se as Preces , e qual foy o seu fructo ? Foy huma horrorosa , e secca trovada , que ouvimos hoje pela huma hora da tarde. Entre os flagellos , com que Deos ameaça os homens , nenhum he mais tremendo , que aquelle , que he horror da natureza , o trovaõ : *Deus semper timendus est , maximè cùm tonat* , diz o. Bernardo. O trovaõ nasce do fogo , que se accende na materia do rayo , o qual rasgando com furiozo impeto os ares , produz esse ruído estrondo , que enche de confusão o mundo. Demodo , que o que pedimos he a agoa , e o que vem sobre nós he o fogo do rayo , e o estrondo do trovaõ. Assim dezaffoga Deos sobre nós a sua ira , e o seu furor , como sobre o Egypto.

Castigou Deos o Reyno do Egypto com numa secura tão grande , que pareciaõ os Egyptios não só desfallecidos com a fome ; mas tambem inficionados pela corrupção do ar , em que

Exod. cap.
9. v. 23.

Ibidem.

Ibid. v. 15.

já corria huma horrivel peste ; que foy o quinto flagello , com que a Justiça Divina se vingou da obstinaçaõ , e malevolencia do coraçãõ de Faraó. Só este rigoroso castigo pode encher de pavor aquelle obstinado coraçãõ , no qual couberaõ entãõ a dureza , e o temor. Ainda este deixou advertencia a Faraó para o recurso , e buscou-o na protecçaõ de Moysés , o qual levantou para o Ceo aquella vara , que Deos lhe dera , como instrumento de milagres : *Extenditque Moyses virgam in cælum*. E que succedeo ? Que quando Faraó por beneficio da Vara esperava a chuva para remedio de tantas calamidades , o que Deos lhe deo foraõ trovoens , e raios : *Et Dominus dedit tonitrua , & grandinem , ac discurrentia fulgura super terram*. Mas como não havia ter assim , se tendo Deos castigado as culpas de Faraó com a falta de agoa , com a seccura , e com a corrupçaõ do ar : *Nunc enim extendens manum , percutiam te , & populum tuum peste ; continuavaõ os peccados com obstinaçaõ : Ingravatum est cor Pharaonis*. E quando Deos , depois de castigar os peccados com a seccura , vê que estes continuaõ com obstinaçaõ , sem attender a Preces , nem á virtude da Vara , dezaffoga a sua ira , e o seu furor com o flagello dos trovoens , e dos raios : *Extenditque Moyses virgam in cælum , & Dominus dedit tonitrua , & grandinem , ac discurrentia fulgura super terram*.

Assim castigou Deos o Egypto , e este he
tambem

tambem o flagello, com que ameaça agora a Portugal. Aflustados com o castigo da seccura, com o temor da fome, e da epidemia temos buscado o recurso dos nossos Moysés, dos nossos Sacerdotes: tem estes dirigido para o Ceo as supplicas, as oraçoens, as preces, que isso significava a Vara de Moysés na intelligencia de muitos Padres da Igreja; e qual foy o fructo de tantas preces, e de tantas oraçoens? Mas qual havia ser, se Deos ainda está irado contra nós, senão assombrar-nos hoje com fogozos raios, e estrondozos trovoens: *Extenditque Moyses virgam in caelum, & Dominus dedit tonitrua*? E donde nasce a gravidade desta pena, senão da continuação de nossas culpas, que, como as de Faraó, se aggravaõ cada dia mais, e incitaõ o mayor furor de Deos: *Ingravatum est cor Pharaonis*. Esta he a causa de nossas desgraças, e a que nos priva do remedio, que Deos nos offerecia abundante, e prompto na Senhora da Incarnação.

He sentença de S. Bernardo, que corre já como commum proloquio, que Deos por privilegio correspondente á altissima dignidade de Maria Santissima decretou não conceder beneficio ao mundo senão pelas preciosissimas mãos da Senhora: *Nihil nos Deus habere voluit, nisi per manus Mariae*; mas especialmente lhe commetteo o beneficio da chuva, para que della se derivasse para nós; porque he Maria Santissima o Aque-
ducto,

S. Bernard.
Serm. de
Aq. duct. in
Nat. Virg.

ducto , por onde correm para nós as agoas salutares : *Plenus equidem Aqueductus , ut accipiant ceteri de plenitudine* , disse S. Bernardo em hum elogio da Mãy de Deos. E quando concedeo Deos este privilegio a Maria Santissima ? Eu, fundado na resolução do Mellifluo Doutor , digo que quando o Divino Verbo incarnou nas purissimas entranhas da immaculada Virgem. Na Incarnação se encheo aquelle prodigioso , e quasi immenso Aqueducto das agoas do Ceo , para que por ella corressem para nós , e participassemos da sua enchente : *Ut accipiant ceteri de plenitudine*. Eu o mostro com S. Bernardo nas proposições , com que annunciou á Senhora o mysterio da Incarnação o Archanjo S. Gabriel.

Luc. cap. 1.
v. 28

30.

Chegou este na Cidade de Nazareth á presença daquella purissima Virgem , que a Altissima Providencia preordinara para Mãy de Deos , e cortez , como Cidadão celeste , rendido como Vassallo saudou a sua Rainha deste modo : *Ave gratia plena*. Notificou a sua embaixada á Senhora , na qual achou aquella repugnancia , e temor , que lhe suggeriaõ a sua pureza , e a sua humildade ; porêm o Archanjo , para lhe desvanecer o temor , e vencer a difficuldade , disse á Senhora que não temesse , porque achara a graça para com Deos : *Ne timeas Maria , invenisti enim gratiam apud Deum*. Esta asseveração de Gabriel incitou em S. Bernardo huma bem fundada duvida. Pergunta o Santo Doutor como podia

Maria

Maria Santissima achar mais graça, se eslava de
 graça chêa: *Quid plena gratiâ, & gratiam* S. Bern.
adhuc invenit? O que eslá cheyo não admite Serm. de
 mais: pois se Maria Santissima para a Incarna- Aq. duct.
 ção se presuppunha chêa de graça: *Gratiâ plena;*
 como podia achar, e receber mais graça na In-
 carnação: *Invenisti gratiam?* O mesmo Santo,
 que propôs a duvida, a resolveo assim: *Digna* Ibidem
prorsus invenire quod querit, cui propria non suf-
ficit plenitudo, nec suo potest esse contenta bono: pe-
tit supereffluentiam in salutem Universitatis. Dig-
 na na verdade foy Maria Santissima de achar a
 graça, que buscava; pois não se contentando
 com o bem proprio, que gozava na enchente de
 sua graça, pede supereffluencia de graça para o
 bem, e faude do mundo. A graça, que Maria
 Santissima achou na Incarnação, foy a substan-
 cial do Divino Verbo, que incarnou no seu pu-
 rissimo ventre. Pois esta he a graça, que a Se-
 nhora na Incarnação acha com supereffluencia
 para o bem do mundo: *Petit supereffluentiam in*
salutem Universitatis? Sim; porque o Divino
 Verbo na Incarnação desceo como chuva ao
 purissimo Ventre da Senhora: *Descendet sicut*
pluvia; e para Maria Santissima dar ao mundo o
 beneficio da chuva, he que a graça substancial do
 Verbo desce com supereffluencia ao seu purissimo
 Ventre: *Descendet sicut pluvia. Petit superefflu-*
entiam in bonum Universitatis.

Assim he; mas a onde eslá esta superefflu-
 encia,

Cant. cap.
V. 15.

encia, se estamos vendo, com confusão nossa; que naquella quasi immenso, e cheyo Aqueducto se contém, e dilatação as agoas de modo, que ha muito tempo não recebemos a chuva, porque suspiramos? Oh! E se acabassemos de conhecer, e evitar a causa, que em Maria Santissima nos dilata o beneficio das agoas, que pedimos! Sim he Maria Santissima Aqueducto de Deos: *Ple-nus equidem Aqueductus*; mas de tal modo, que neste prodigioso Aqueducto, estão as agoas como em poço para huns, e para outros como em fonte: *Fons hortorum, Puteus aquarum*. Esta he a differença entre o Poço, e a Fonte, que esta offerece as agoas sem trabalho de quem as recebe, e as necessita; porém para tirar agoa de hum poço, he necessaria muita diligencia, e trabalho. Para os justos, em que Maria Santissima, como em deliciosos jardins, se recrea, he Fonte: *Fons hortorum*; porém os peccadores fazem com as suas culpas a circunvalação, que dilata, e repreza na Senhora as agoas como em Poço; *Puteus aquarum*.

Mas que estrondo he este; que penetrando este magestoso Templo nos enche os corações de consolação. He copiosa chuva, que nos mandão os Ceos por aquelle Aqueducto de Deos. Para bem nos seja que já vemos convertido aquelle profundo Poço em perenne Fonte. Graças vos rendemos, ó piedosissima Senhora, pelo beneficio, que devemos á vossa piedade. Mas como
naõ

naõ havia succeder assim Religiosissimos Padres ;
 charissimos Irmaõs meus , se trouxemos para o
 valimento o Principe dos Ermos , nosso Patriar-
 cha S. Paulo ? Este he o poderozo valido , para
 recreaçãõ do qual fez a Providencia Divina que
 junto da sua cova no deserto da Thebaida nas-
 cesse huma perenne fonte , a qual subindo com
 abundancia de rio , tanto que se prezentava , e
 servia ao Principe dos Eremitas , para que fosse
 mayor o leu obsequio , se escondia logo : *Fon-*
tem lucidissimum ostendens , cujus rivum tantummo-
do foras erumpentem statim modico foramine , ea-
dem , que genuerat aquas , terra sorbebat. Este
 he o portentozo Santo , em quem o grande An-
 tonio admirou a austeridade , e perfeiçãõ da vi-
 da de hum Baptista , o abrazado , e zeloso espi-
 rito de hum Elias , o amor de hum Bemaventu-
 rado : *Vidi Eliam , vidi Joannem in deserto , &*
vere vidi Paulum in Paradyso. Este he o pode-
 roso valedor , que trouxemos á presença da pro-
 digioza Imagem da Senhora da Incarnaçãõ , e
 com successo taõ feliz , e prompto , que nos será
 difficultosa a retirada pela abundancia da chuva.
 Repetio-se agora na nossa terra aquelle mesmo
 prodigio , com que o outro Elias admirou o Rey-
 no de Samaria.

S. Hier. in
vit. S Paul.

Ibid.

Padecia este afflicto Reyno em huma gran-
 de fome o lamentavel effeito da seccura : *Erat*
autem fames vehemens in Samaria. Compadeceo-
 se desta infelicidade aquelle grande homem ha-

L 3. Reg.
cap. 18. v. 2.

D

bitador

bitador do deserto, cujo coração ardia no zelo não só da honra de Deos, mas também do bem do proximo, e incitado da sua compaixão interpôs a Deos as suas preces, para que desse áquelle Reyno a agoa necessaria para o remedio do damno, que padecia. Ouvio Deos a supplica do Propheta, e respondeo-lhe com este despacho:

Ibid. v. 1.

Vade, ostende te Achab, ut dem pluviam super faciem terræ. Vay, Elias, mostra-te a Achab; para que eu dê a chuva sobre a facie da terra. Foy Elias a Samaria, fez aquelle milagroso sacrificio, que converteo para Deos aquella parte do povo, que com sacrilega idolatria sacrificara a Baalim. Continuou as preces, e para lhe dár efficacia mandou a Abdias que olhasse para o mar:

Ibid. v. 43.

Ascende, & prospice contra mare. Olhou Abdias para o mar, e vio subir huma pequena nuvem:

v. 44.

Ecce nubecula parva ascendebat de mari; mas tão prodigioza, que deo a suspirada agoa á Samaria, e tão prompta, que mandou Elias dizer ao Rey Achab, que se valesse do coche, para que não

Ibidem.

o molhasse a chuva: *Ascende, & dic Achab: Junge currum tuum, & descende, ne occupet te pluvia.* Assim succedeo, porque diz o texto que as nuvens concitadas pelo vento obtenebrarão os Ceos, e despeditarão chuva tão estrondoza, como a que estamos ouvindo: *Ecce cæli contenebrati sunt, & nubes, & ventus, & facta est pluvia grandis.*

v. 45.

Este he o caso; que parece identico com o nosso;

nosso ; mas nelle se offerecem duas cousas nota-
veis á minha reflexão. A primeira he que Deos
para dar a agoa ao Reyno de Samaria , mandaf-
se a Elias mostrar-se á Corte de Achab : *Vade,
ostende te Achab, ut dem pluviam super faciem
terrae* : pois tem mais efficacia as preces de Elias
na Corte , que no deserto ? Sim ; porque a sec-
cura de Samaria era pena , com que Deos casti-
gava os peccados daquella Corte ; e como para
suspensão da pena era necessario que se evitasse a
sua causa ; por isso para que se convertesse o
povo julgou Deos conveniente que entrasse , e
apparecesse na Corte hum Santo do Ermo tão
penitente como Elias , e tão austero , que se
sustentava do alimento , que Deos lhe mandava
por ministerio dos Corvos : *Corvi quoque defere-
bant ei panem*. Foy fructuosa a entrada de Elias
na Corte de Achab ; porque á vista de hum San-
to Eremita , que só com a presença edificava ;
se converteo para Deos aquelle povo , que com
sacrilega idolatria sacrificara a Baalim : *Quod cum*
vidisset omnis populus cecidit in faciem suam , &
ait : Dominus ipse est Deus.

Cap. 17.

Cap. 18. v.

39.

Convertido o povo na presença de Elias ,
para este fazer fructuosas as suas preces , mandou
a Abdias pôr os olhos na pequena nuvem que su-
bia do mar , e só quando esta appareceo , he que
delceo do Ceo a chuva tão abundante , que lhe
chama grande o sagrado texto , (e esta he a se-
gunda cousa digna de reflexão :) *Ecce nubecula*

D ii

parva

Hug. hic.

parva ascendebat de mari: Ecce cæli contenebrati sunt, & nubes, & ventus, & facta est pluvia grandis. E que connexão tem as preces de Elias com aquella pequena nuvem, que só na sua presença tem efficacia? Taõ poderosa he aquella nuvem, que corresponde logo com a chuva suspirada pelas preces de Elias? Sim; porque a nuvem pequena era huma Imagem de Maria Santissima diz o Cardeal Hugo: *In nubecula B. Virgo significatur*, e determinadamente no mysterio da Incarnação; porque neste mysterio foy Maria Santissima nuvem pequena: *Nubecula parva*; quando se offereceo com a humildade de escrava: *Ecce Ancilla Domini*; mas nuvem, que subio; *Ascendebat*, porque no mysterio da Incarnação se elevou á altissima dignidade de Mãe de Deos. E se o beneficio da chuva, como já mostrey, está commettido por Deos á Senhora na Incarnação, julgou Elias que para fazer fructiferas as suas preces as devia dirigir á Imagem da Senhora da Incarnação, que se representava naquella pequena nuvem, que subia do mar: *Ecce nubecula parva ascendebat de mari: In nubecula B. Virgo significatur*; e com successo taõ prompto, que logo que appareceo a Imagem da Senhora da Incarnação, o vento concitou as nuvens de modo, que cobrindo os Ceos, deraõ huma grande chuva a Samaria: *Ecce cæli contenebrati sunt, & nubes, & ventus, & facta est pluvia grandis.*

Assim succedeo entaõ em Samaria, e agora

ra se repete o mesmo prodigio em Portugal. Sahio do seu deserto aquelle Elias: *Vidi Eliam*; no qual multiplicou a Providencia os nossos intercessores; porque em hum só homem, no Principe dos Eremitas, trouxemos tambem hum grande Baptista: *Vidi Joannem in deserto*, e o primeiro prodigio, que obrou foy a conversão do povo: *Quod cum vidisset omnis populus cecidit in faciem suam*. Poderozas vozes para acclamação deste prodigio são as lagrimas, que temos visto chorar na presença daquelle austero Penitente, a quem como a Elias servirão os corvos; trazendo-lhe cada dia pelo dilatado espaço de sessenta annos em metade de hum pão parco alimento: *Sexaginta jam anni sunt, quod accipio quotidie dimidii panis fragmentum*, disse a Santo Antão meu Patriarcha S. Paulo. Entrou meu Patriarcha neste magestoso Templo, e pelas vozes de seus filhos dirigio as suas preces áquella pequena nuvem, milagrosa Imagem da Senhora da Incarnação, e succedeo o mesmo que em Samaria: Cobrirão as nuvens o Ceo, e lançaõ chuva tão grande, como o estrondo, que estamos ouvindo: *Ecce cœli contenebrati sunt, & nubes, & ventus, & facta est pluvia grandis*. Como meu Patriarcha S. Paulo está no estado de comprehensor, em que conhece os meynos mais proprios, que a Divina Providencia ordenou para a consecução do fim, que pertendiamos, inspirou em seus filhos; que para a efficacia das preces trouxemos na sua

S. Hier. in
vit. S. Pauli

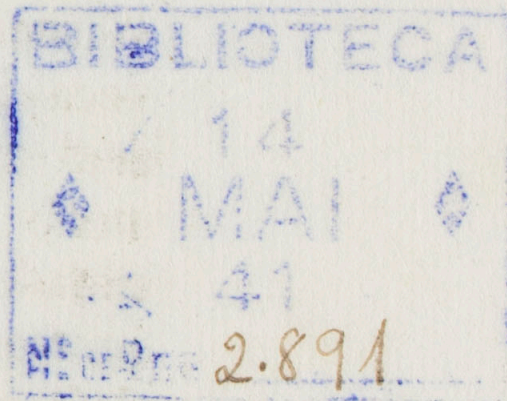
sua companhia aquella sagrada , e milagroza Imagem da Senhora da Piedade. Ainda que a Providencia do Altissimo cõmetteo o beneficio da chuva a Maria Santissima no mysterio da Incarnação, em que se elevou á altissima dignidade de Mãe de Deos, diz S. Bernardo que para alcançarmos os beneficios da Senhora devemos deprecar á piedade da Mãe de Deos: *Deprecare pietatem Matris, & omnia habebis*; por isso soy conveniente que para alcançarmos o desejado beneficio da chuva fizessemos as nossas deprecações na presença das duas milagrosas Imagens da Senhora, de huma, em que se nos representa como Mãe de Deos na Incarnação, e de outra, em que se nos propoem a sua piedade: *Deprecare Matris pietatem, & omnia habebis*.

Assim Catholicos, o temos alcançado daquella piissima Senhora por intercessão de meu Patriarcha S. Paulo, que representou a Maria Santissima que as nossas culpas, que foraõ a causa de nossas desgraças, estavaõ já affogadas no mar de nossas lagrimas, e será desgraça que conhecendo nós pela experiencia os nossos danos, recayamos na causa de nossas infelicidades. Não será assim Virgem Santissima, porque temos em nosso favor a vossa beneficencia. Com a Maternidade de Deos vos fizestes Mãe dos peccadores; pois para nos dezatar dos grilhoens dos peccados desceo o Divino Verbo ao vosso purissimo Ventre para vos fazer Mãe sua; e quando não deveraõ

raõ os filhos o amparo ao amor materno? Am-
parainos, Mãy amantissima, para que trium-
fando dos nossos inimigos, mereçamos não só
os beneficios necessarios para a conservaçaõ da
vida temporal; mas tambem os que conduzem
com efficacia para a vida eterna. Amen.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

FINIS.

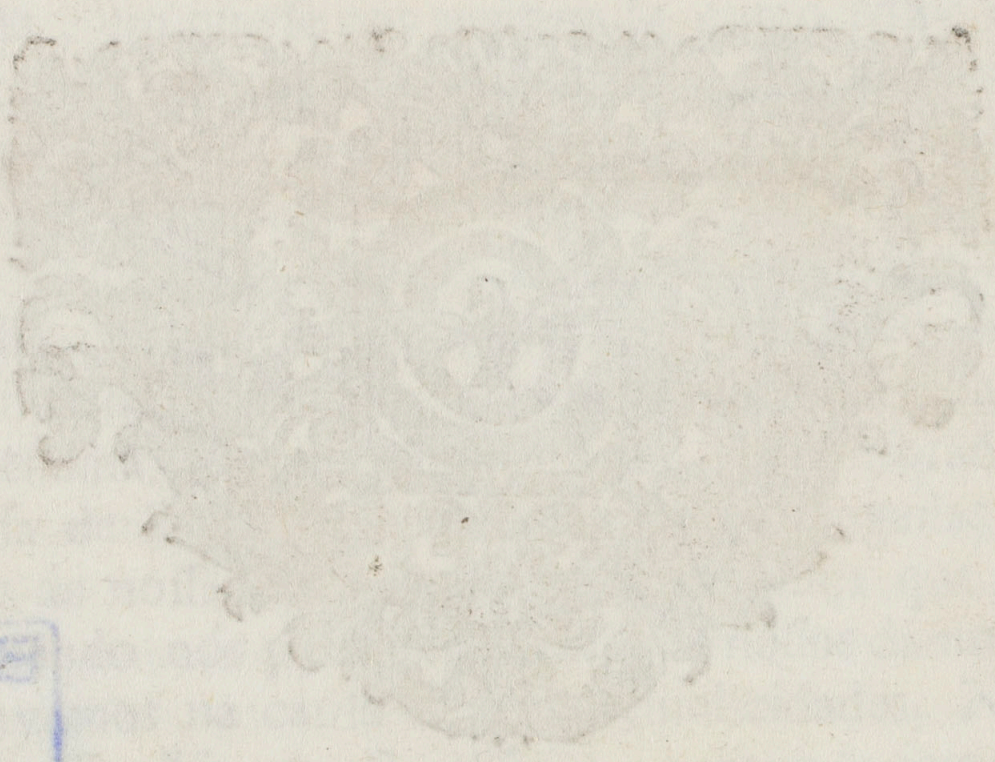


de France 32

Les de l'Alsace et de la Lorraine
par M. de Lamoignon
Paris chez la Citoyenne Lesclapart
Maison de la Citoyenne Lesclapart
Maison de la Citoyenne Lesclapart

Bibliothèque de la Faculté de Médecine
Cité de Paris

FINIS



BIBLIOTHECA
MAY 14
1814
N° 2.621